

A PEDAGOGIA DE OYÁ: MULHERES NEGRAS E DESCONSTRUÇÃO DA ESTÉTICA DAS COLONIALIDADES NO CURRÍCULO E ENSINO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL¹

Amine Jesus Fernandes Meira²

Eduardo Oliveira Miranda³

Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS

RESUMO

Essa escrita trata de como as colonialidades do ser, saber, poder e de gênero reverberam na formação mulheres negras estudantes de comunicação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB. É sobre corpo-território de mulheres negras e seus atravessamentos dentro da Universidade e possibilidades de resistências ativas dentro das epistemologias inseridas nas áreas de conhecimento da Educação e Comunicação, na perspectiva de descolonizar currículos e cânones eurocentrados através da decolonialidade afro-brasileira.

PALAVRAS-CHAVE

Decolonialidade Afro-brasileira; Feminismo Negro; Corpo-território. Comunicação Social ; Currículo

CORPO DO TEXTO

INTRODUÇÃO

Utilizando como pano de fundo o enegrecimento da universidade pública e a necessidade de romper com as formas de colonialidades na educação, realizo giro decolonial, voltando-me às epistemologias do sul e a Decolonialidade Afro-Brasileira, como guia de localização na feitura de pesquisa em Educação, que busca abordar os aspectos da formação em Comunicação Social Através de uma epistemologia afro-brasileira, presente na Universidade através de gerações de afrodescendente, problematizo de que forma corpos-territórios de mulheres negras no campo da comunicação podem decolonizar a perpetuação da estética eurocentrada em sua formação.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho NE 03 Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Pesquisadora, Mestra em Educação e Relações Públicas-UEFS-Ba, aminefernandes@gmail.com

³ Professor Doutor na Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS, eduardomiranda48@gmail.com.

Assim, considerando a constituição da Comunicação Social como área de conhecimento depara-se com os contrastes evidentes vivenciados por corpos-territórios subalternizados que estudam, se especializam e reproduzem esse conhecimento na vida profissional, mesmo sofrendo com as implicações das colonialidades. Um corpo-território que já foi transpassado pelo racismo e sexismo encontra na formação em comunicação mecanismos de racismo epistêmico, estruturas dentro da universidade que foram projetadas para e pela branquitude para manter estruturas sociais opressoras e desiguais.

Diante desse contexto envolto pelas opressões das colonialidades, faz-se necessário Decolonizar o Currículo! Por meio da Decolonialidade Afro-brasileira traço os caminhos para educação, que privilegia o conhecimento que foi alijado pelo processo colonial. Os saberes outros, desde África, baseada na tecnologia Yorubá, que confrontam o saber e poder universalizante estabelecido pela Modernidade. Contrariando as epistemes eurocêntricas e subvertendo a ordem do epistemicídio, que como explica Carneiro (2005), se trata da anulação e descrédito dos saberes dos povos colonizados, subalternizando não só em suas existências, mas a construção de suas tecnologias, taxadas de primitivas, que leva a inferiorização intelectual.

OBJETIVO

Através de uma epistemologia afro-brasileira, que pulsa segundo Narcimária Patrocínio Luz (2013), nas territorialidades negras, nas suas células comunitárias, e que contemporaneamente entra na Universidade através de gerações de afrodescendente, postulo como objetivo de que maneira pode-se decolonizar a perpetuação da estética eurocentrada na formação de corpos-território de mulheres negras estudantes de comunicação. W ainda assim, identificar as colonialidades e cartografar suas implicações nos corpos-territórios de estudantes de comunicação através do método da soicopoética.

METODOLOGIA

O método utilizado na pesquisa foi a sociopoética, que compreende método que se baseia em cinco princípios, preconizado por Jacques Gauthier sendo eles, a instituição do dispositivo do grupo-pesquisador, “que garante que cada participante da pesquisa está ativo em todas suas etapas”, (2014, p. 74). A valorização das culturas subalternizadas e

de resistência, como diz Gauthier, aponta para outras maneiras de interpretar o mundo, especialmente as que foram colonizadas. Indo ao encontro do que foi afirmado pelo autor, entendo que pesquisa com o corpo inteiro, pressupõe uma responsabilidade ética, política, neoética e espiritual com o grupo-pesquisador.

Ao escolher a Sociopoética como abordagem que dialoga com a cosmopercepção afro-brasileira, prôpus como técnica de produção de dados “A transmutação de Oya: a mulher búfalo”. Assim, a partir do princípio cosmológico de Oya, a Iansã, tendo como inspiração o itan em que Oyá se transforma em búfalo utilizei o desenho livre, como instrumento para cartografar os dados necessários e realizar as vivências. No estudo, utilizando a sociopoética para despertar de corpos-territórios como metodologia, foram realizados em dois encontros em sala de aula, em que o itan foi lido e interpretado por cada co-pesquisadora, através de um tema gerador para discussão elaboração de impressões através de seus desenhos. A partir de um todo do que foi produzido e individualmente essas impressões foram interpretadas. Em tempo, é necessário evidenciar, que entendo que currículo está não apenas no projeto pedagógico e nas ementas dos componentes curriculares, mas está na sala de aula, na dinâmica empreendida pelos docentes como também na complexidade das relações que formatam o curso, assim além confrontar o projeto pedagógico que está descrito e documentado, a experiência das co-pesquisadoras com currículo é fundamental para a compreensão dos silêncios e apagamentos epistemológicos, A partir de uma compreensão que resultou no confeto , conceito e afeto, em que aponte as colonialidades que atravessam os corpos-territórios de mulheres negras estudantes do curso de comunicação, ao passo em que, em outra extremidade observei os caminhos para decolonizar a perpetuação da estética das colonialidades em suas formações. Voltada para o Sul, em uma decolonização baseada na pedagogia de Oyá, preconizada na tessitura da dissertação de mestrado, vislumbrei que através da fonte epistemológica da ancestralidade, da potência da memória, da força do aquilombamento e da energia da resistência, podemos perpetuar nossas existências, saberes, afetos, identidade e nossa grandeza em todos espaços, seja na academia ou mesmo no mercado de trabalho.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA/ RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando pesquisamos com mulheres negras estudantes do curso de Comunicação Social, acionamos o seu corpo-território em pesquisa nos parâmetros da Decolonialidade Afro-brasileira. Apontamos para seus corpos-territórios em totalidade, para seu mundo sensível, seus espaços, seus saberes, a extensão de suas crenças, afetos, e as complexidades de suas existências para dimensionar e reformular currículo. Ao deparar com a estrutura do Currículo dos cursos de Comunicação da UFRB- Jornalismo e Publicidade e Propaganda, através de uma pesquisa documental da estrutura do curso e projeto pedagógico, percebe-se que não existe de forma explícita nenhum componente que evidencie tratar as relações étnico-raciais ou o que preconize as Leis 10.639/03 e 11.645/08. O que não implica que os docentes, não possam ter introduzido leituras ou direcionados conteúdos que trate do assunto, pois o currículo em sua fluidez agrega esse diálogo com a sala de aula. Entretanto, o que se pode verificar que no projeto pedagógico é que não há nenhum indicativo que deixe evidente epistemologias negras ou diálogos com autores negros. O que me leva a pensar que há um apagamento ou silenciamento de conteúdos que contém mídias e relações étnico-raciais, feminismo negro.

Seguindo esse direcionamento para experimentar inversões pedagógicas, aqui em sopros de ventos insubordinados, ventos de desobediência epistemológicas, ventos do princípio cosmológico de Oyá. A partir desses deslocamentos estão implicadas novas maneiras de se elaborar concepções curriculares, que reformulam os processos de instrumentalização do mesmo no Curso de Comunicação Social.. De certo, o saber comunicacional é arquitetado e balizado pelo mercado (Sodré, 2014). Nessa perspectiva, busco tensionar as bases de uma formação essencialmente forjada nas colonialidades imbricadas nas articulações do Mercado para decolonizar o currículo em seu formato instrumental funcionalista, preconizando, assim, o princípio cosmológico de Oyá.

É partir da compreensão da pedagogia de Oyá, Yansã, para se articular a construção ou desconstrução do currículo do curso de Comunicação Social da UFRB, com enfoque nos corpos-território de mulheres negras. O princípio Cosmológico de Oyá nos conta de uma tecnologia que carrega uma força primordialmente feminina, poderosa e destrutiva de enfrentamento, de mudança. Força fundamentada nos ventos, tempestades, no fogo, raio e trovão. É o fundamento que destrói para que sejam construídas outras possibilidades. É

o fogo que incendeia o campo para que rebrote a vida. Oyá é a guerreira elementar que nos direciona nesse decolonização pedagógica de estruturas desumanizantes que permeiam as colonialidades presentes nos cânones da Comunicação Social.

Podemos constatar historicamente que para sua funcionalidade a universidade prima por ratificar a razão do Estado, subjugando, destruindo outras formas de organizações e existências que anunciam outra episteme civilizatória. Por isso mesmo, produz-se e aplica-se uma retórica taxonômica, criada para assegurar os índices de ideais de comportamento e valores que promovam a ordem e normalidade da razão de Estado e seus tentáculos neocoloniais. Ancoradas a essas expectativas, as universidades estabelecem normas de conduta, no sentido de reprimir aqueles de divergem ou desviam das prescrições epistemológicas consagradas (Luz, 2013, p.176).

Luz (2013) entende que a Universidade é como a Casa Grande, estruturada, deste modo, em concepções racistas e neocoloniais que consolidam normas, ritos e práticas que buscam manter o outro como o diferente. Sobre este tema Souza (2021) pontua, que o negro é sempre o diferente, o que fere a norma. O que implica dizer que sendo casa-grande a Universidade não foi “feita” para corpos-territórios diferentes ou melhor, corpos-territórios negros, aqui, de mulheres negras. O que implica nessa estrutura que leva a exaustão e ao cansaço. Logo esse corpo em específico, precisará lutar, se esforçar e fazer um movimento de grande sacrifício para poder estar ali. A Casa Grande tem seus mecanismos em que negros podem servir, conviver dentro dela, mas não é o ambiente feito para esse corpo-território possa florescer.

É sobre denegrir, através da decolonialidade Afro-Brasileira, da Pedagogia insurgente para se romper com o pacto narcisístico da branquitude, ir de encontro ao silenciamento e apagamento, consequência do mito da democracia racial dentro da Universidade. É ir conta aos racismos que excluem e as colonialidades que atenuam e impedem corpos-território de mulheres negras expandirem seu conhecimento dentro do curso.

Aqui propus esse movimento no campo político/epistemológico a partir da decolonização e os seus intentos, construindo, deste modo, movimentos como a Pedagogia de Oyá, para romper e tensionar as colonialidades presentes na curricular e pedagógica do campo da comunicação social. Sobre decolonização do currículo Gomes elabora, que:

“Só é possível descolonizar os currículos e o conhecimento se descolonizarmos o olhar sobre os sujeitos, suas experiências, seus conhecimentos e a forma como produzem.

Portanto, a compreensão de que existe uma perspectiva negra deolonial brasileira significa reconhecer negras e negros como sujeitos e seus movimentos por emancipação como produtores de conhecimentos válidos que não somente podem tensionar o cânone, mas também o indagam e trazem outras perspectivas e interpretações “(2023, p. 235).

Reconhecer outras possibilidades, o corpo-território, perceber outros sentidos, se afirmar enquanto mulheres negras é uma potência. É uma potência e uma atitude libertadora gerar conhecimento a partir de saberes que estão além de uma cosmovisão dicotômica, monista, aliada aos interesses imperialistas e liberais, que só entendem o que eurocentrado e produzido pela branquitude. Corpos outros, de mulheres negras que possuem outras vicissitudes, que sentem as dores e as exigências a partir da perspectiva dos corpos oprimidos, subalternizado.

Assim, urge outra abordagem dentro das áreas de conhecimentos, especialmente as alicerçadas em cânones do eurocentrismo, marcados pelos caprichos do Mercado e do capitalismo como a Comunicação Social, tanto na formação quanto no forjamento de profissionais. Observo, que denegrir vai além da representatividade do quadro de apresentadores ou de destaques na mídia, denegrir é ir á fundo na produção de racismos, na feitura dos profissionais, do conhecimento, dos cânones e do SABER.

Para não encerrar e propagar ventos decoloniais, aponto a pedagogia de Oyá, que incinera, queima o chão para que rebrotem, para que ressurgam novas possibilidades epistemológicas denegridas, em que mulheres e corpos-territórios outros sejam evidenciados em suas subjetividades e sensibilidades dentro do campo da Educação e da Comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU CONCLUSÃO

Para não concluir, pois não há conclusão quando entregamos as palavras ao vento feito orixá, Assim, aponte as colonialidades que atravessam os corpos-territórios de mulheres negras estudantes do curso de comunicação, ao passo em que, em outra extremidade observei os caminhos para decolonizar a perpetuação da estética das colonialidades em suas formações. Voltada para o Sul, em uma decolonização baseada na pedagogia de Oyá, vislumbrei que através da fonte epistemológica da ancestralidade, da potência da memória, da força do aquilombamento e da energia da resistência, podemos perpetuar

nossas existências, saberes, afetos, identidade e nossa grandeza em todos espaços, seja na academia ou mesmo no mercado de trabalho.

Assim, arremato essa inconclusão desejando que os ventos de Oyá nos elevem e expandam. Que as minhas palavras, ditas, escritas, ou pensadas e o saber gestado e engendrado, enquanto uma pesquisadora negra sejam propagados em ventanias decoloniais, de que é necessário descolonizar currículos, cânones, intenções, quereres, sentimentos, no campo da Educação e da Comunicação

REFERÊNCIAS

- ADAD, Shara Jane Holanda Costa. Tudo que não inventamos é falso: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender coma sociopoética. 2014.Fortaleza. Ed EDUECE.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. A Construção do outro como não ser como fundamento do ser. Tese- Programa de pós-Graduação em educação, Universidade de São Paulo, 2005.
- CARNEIRO, Sueli. Racismos, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo. Selo Negro, 2011
- GAUTHIER, Jaques. O Oco do Vento. Metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais. 2012. Curitiba. Ed. CRV.
- GONZALES, Lélia. Por um Feminismo Afrolatinoamericano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Ed Zahar, 2020.
- GONZALEZ, Lélia. Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas Decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- HOOKS, bell. Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade. São Paulo. Ed. Martins Fontes. 2013
- LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. É preciso africanizar a universidade. IN: LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. Decolonização e Educação: diálogos e proposições metodológicas. Ed. CVR, Curitiba, 2013
- MIRANDA, Eduardo Oliveira. Corpo-território & Educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência. Salvador: UFBA 2020.
- MIRANDA, Eduardo Oliveira. Epistemologias dos Odus e Decolonialidade Afro-brasileira. Revista estudos Literários, UFRJ, Vol. 04, nº 11, Rio de janeiro, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/estudoslibertarios/article/view/53236>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024..
- OYERONKE, Oyewumi. A invenção das Mulheres: Construindo um sentido africano para discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro. Editora Bazar do Tempo. 2021
- PARIZI, Vicente Galvão. O livro dos Orixás: África e Brasil [recurso eletrônico] / Vicente Galvão Parizi -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020
- PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SODRÉ, Muniz. Reinventando a educação: diversidade, decolonização e redes. Petrópolis: Vozes, 2012.
- SODRÉ, Muniz. Pensar Nagô. Petrópolis. Ed. Vozes. 2017.
- SODRÉ, Muniz. O terreiro e a Cidade: A forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro. Ed Mauad. 2019.
- SODRÉ, Muniz. A ciência do Comum: Notas para o método comunicacional. 2 ed. Petrópolis: EditoraVozes.2019.
- SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se Negro. Rio de Janeiro. Editora Zahar. 2021
- TORRICO, E. Comunicação organizacional e decolonialidade: desafios para uma intersecção viável. Organicom, [S. l.], v. 18, n. 37, p. 14-22, 2021. DOI: 10.11606/issn.2238-

2593.organicom.2021.190356. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/190356>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024,